Coletânea de Experiências
Rede de Atenção Psicossocial de Jundiaí

Prefeitura
de **Jundiaí**

DESENCAPSULANDO

Narrativas da arte do cuidado

3ª edição 2026

Prefeitura
de **Jundiaí**

3ªEdição - 2026

REALIZAÇÃO

Prefeitura Municipal de Jundiaí
Secretaria Municipal de Promoção da Saúde (SMPS)
Coordenação de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas

COMISSÃO DE EXPERIÊNCIAS DA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (RAPS)

Adriana Carvalho Pinto
Alexandre Moreno Sandri
Ana Cláudia Ramos Fidencio
Ana Julia Nociti Lopes Fernandes
Bianca Brondi Barboza
Camila Ávila de Lima
Fernanda de Jesus Ligeiro Braga
Maria Clara Mirra Meirelles
Michele Gomes da Paixão Santana

DIAGRAMAÇÃO

Marcus Vinicius Pagliarini

AGRADECIMENTOS

Chegar à nossa 3ª edição é celebrar a potência de uma RAPS viva, pulsante e em constante movimento, que inventa e reinventa formas de cuidar, cria possibilidades e transforma o cotidiano em experiências que merecem ser compartilhadas.

A todos os trabalhadores da RAPS de Jundiaí, dos diferentes pontos de atenção, que constroem essa rede diariamente, com seus saberes, práticas, encontros e invenções de cuidado.

A todos os usuários e familiares que compartilham suas histórias, experiências e modos de viver, dando vida às narrativas que compõem esta revista e nos lembrando de que o cuidado se constrói com o outro, na singularidade de cada trajetória.

Esta revista é fruto dessa construção coletiva e um convite para seguirmos criando, experimentando e reinventando, juntos, os caminhos do cuidado em liberdade!

SUMÁRIO

EDITORIAL 03

ARTE E CULTURA

Ampliando a roda da RAPS - Integração e diversidade 05

Grupo Curadoria de Arte no cuidado em Saúde Mental 07

TERRITORIALIDADE

Rolê Cultural do CECCO Jundiaí..... 09

ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL

Biblioteca comunitária e Clube do Livro: dispositivos de cuidado no envelhecer saudável na APS..... 11

GESTÃO

O Conselho Gestor na lógica da reabilitação psicossocial no CAPS II Bem Viver..... 13

PROMOÇÃO DA SAÚDE

Jardim Terapêutico na UBS São Camilo: promoção da saúde e vínculo comunitário..... 15

REDUÇÃO DE DANOS

Tenda de redução de danos: Escuta, acolhimento, arte e convivência em território como cuidado em saúde mental..... 17

APOIO MÚTUO

Recontando histórias de vida: narrativas como instrumento dialógico em Grupo de Ouvidores de Vozes 19

ARTICULAÇÃO DE REDE INTRASETORIAL

Ressignificando Trajes e Trajetórias: O desfile de moda do Brechó CAPSIJ como estratégia de cuidado..... 21

INTERSETORIALIDADE

As Carolinas - Educação Popular em Saúde, cultura e cuidado na UBS e CRAS Tarumã..... 23

ESTANTE DA REDE..... 25

EDITORIAL

Desencapsulando a vida: experiências na RAPS de Jundiaí

Nos últimos anos - e sobretudo depois da pandemia - o trabalho das RAPS tem sido tensionado - e sobretudo depois da pandemia - pelo aumento da sobrecarga de doenças, pela diversificação do tipo de queixas, mas também por certo desgaste e sobrecarga dos trabalhadores da Saúde Mental.

Em muitos locais do país, assistimos a uma rede de serviços que se ambulatorizou, trabalhadores que perderam o sentido do seu fazer e usuários cada vez mais medicados, submissos e sozinhos. Uma saúde mental que busca a normatização e não a reabilitação psicossocial.

Uma rede que queira se manter viva precisa se enxergar, conversar, se repensar. Por isso, a existência da Revista DESencapsulando é tão louvável. Registrar experiências, cerzir no miúdo a trajetória de usuários e trabalhadores. Salvar na memória pequenos gestos inefáveis. Detalhes sutis e sensíveis que permitem sair da repetição e evitar a burocratização. Não prescrições técnicas, senão delicados entrelaçamentos do vivo.

O número da Revista que apresentamos aqui conta com belos relatos de experiências: um jardim tornado terapêutico; uma curadoria de arte; um rolê cultural num Ceco; o desfile de modas organizado em um brechó; a ampliação da roda produzida pela capoeira; uma biblioteca comunitária; uma ação de redução de danos no território; narrativas de um grupo de ouvidores de vozes; uma experiência de educação popular com mulheres e até o relato da retomada de um arranjo de gestão estratégico: o conselho gestor.

Todas experiências que destacam a centralidade dada às propostas e iniciativas dos usuários, e a relevância da horizontalidade do cuidado quando trabalhadores e usuários ‘com-partilham’ o espaço-tempo.

A arte, e suas várias aproximações como caminho de saída, para desencapsular. Relatos potentes que retomam a centralidade da reabilitação psicossocial e não do mero controle de sintomas. A criatividade como fonte de laço social.

E o destaque da co-gestão como forma de tornar possível esse exercício vivo da cidadania num serviço.

Que a Revista DESencapsulando tenha longa vida, que a RAPS de Jundiaí continue cheia de vida e recriando viveres mais plenos! Boa leitura! Que as experiências que lerão a seguir os inspirem para seguir esse caminho fértil da reabilitação psicossocial e do cuidado em liberdade.

Agosto, 2026.



Rosana Onocko-Campos é Médica, Psicanalista e Professora de Saúde Coletiva na Unicamp. É Pesquisadora do CNPq e Especialista em Políticas Públicas e Avaliação em Saúde Mental.



“Sonhando”

Colagem digital - Coletivo Roch

Acesse os trabalhos do artista clicando aqui.

ARTE E CULTURA

AMPLIANDO A RODA
INTEGRAÇÃO E DIVERSIDADE

AUTORES
Maria Raquel Kubitza Valente
Ilson Silva Santos
Camila Covas Ribeiro
Adriana Carvalho Pinto

QUEM FEZ ACONTECER
CAPS AD III - Maluco Beleza
Serviço Residencial Terapêutico Paulista
Serviço Residencial Terapêutico Liberdade
Serviço Residencial Terapêutico Pacaembu



Cuidar em liberdade é atuar no viés da desinstitucionalização, no compromisso da Reforma Psiquiátrica e na manutenção dos princípios da Clínica Ampliada. A capoeira, quando integrada ao contexto terapêutico e à cultura brasileira, torna-se um poderoso recurso de cuidado. A comunicação se apresenta conduzida ao som de tambores, palmas, corpos e vozes, em que o corpo e a oralidade se revelam como métodos de preservação da identidade étnica, dos valores e saberes ancestrais, combinando música, canto e movimento.

Através da capoeira, desenvolvem-se habilidades como espontaneidade, expressividade, resistência, prontidão e improviso, promovendo interação, socialização e fortalecimento de vínculos. Desde 2001, a capoeira é uma atividade presente no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas III (CAPS AD III) de Jundiaí - SP, inicialmente com a participação somente dos usuários deste equipamento. Devido a diversos motivos, entre eles a pandemia de COVID-19, durante um período foi necessária a interrupção desta oficina. Em novembro de 2023, houve a retomada dos encontros, porém com a proposta de uma oficina aberta à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Jundiaí.



OBJETIVOS
- Promover, por intermédio da capoeira, encontros e trocas intergeracionais, solidariedade, empatia, pertencimento, protagonismo, habilidades psicomotoras, musicalidade, conexão e valorização com a cultura popular e da ancestralidade;
- Fortalecer e aproximar usuários, familiares e profissionais de diferentes serviços da RAPS;
- Promover a ampliação de redes de suporte.

METODOLOGIA

Um grupo de trabalhadores da RAPS, com o desejo de impulsionar e retomar a Oficina de Capoeira, com história e percurso no CAPS AD III, organizou-se, avaliando a importância de ampliar esta potente atividade para os demais usuários da RAPS. Inicialmente, foi pensando em realizar os encontros numa casa de cultura da cidade (Instituto Iê Aruandê), mas não houve a participação esperada. Foi, então, identificado que faria sentido retomar a oficina onde ela se originou, no CAPS AD III, sendo pactuados os dias que possibilitassem a participação livre e aberta. Nesse sentido, o encontro se fixou às terças-feiras, às 10h. Assim, uma vez por semana, esta roda se concretiza ao som de tambores, palmas, cantos e movimentos que dialogam, no apoio de um com o outro, permitindo que o movimento flua mesmo diante das limitações que cada um possa apresentar. Moradores dos Serviços Residenciais Terapêuticos, usuários do CAPS AD III, familiares, pessoas que passam na calçada são atraídos para o encontro.

RESULTADOS

Atualmente participam cerca de 12 pessoas dos Serviços Residenciais Terapêuticos e aproximadamente, 13 usuários do CAPS AD III. Os encontros resultaram em interações intergeracionais e maior solidariedade entre participantes com diferentes perfis e limitações. Neste sentido, a capoeira se tornou mais que uma prática corporal, tornou-se uma aliada significativa na promoção da saúde.

Dentre os principais resultados, destacam-se: o incentivo às trocas intergeracionais, a solidariedade, o acolhimento dos moradores dos Serviços Residenciais Terapêuticos desde sua chegada, a ampliação do convívio social e a criação de um ambiente permeado por trocas significativas.

Além disso, em celebrações, como almoços coletivos, tais como uma feijoada, símbolo da miscigenação, planejada no decorrer das oficinas como uma potente ação, além das celebrações dos aniversários, são reforçados o senso de pertencimento e se favorece a construção de um espaço de aceitação e empoderamento, ampliando as possibilidades para pessoas em processos contínuos de reconstrução pessoal e social. A ação, nos últimos quatro anos, no mês de julho, também encorpou a programação do Encontro Internacional “Rituais da Mandinga” em Jundiaí. Essa atividade proporcionou o encontro com Capoeiristas de outros países, como Argentina, Colômbia e Peru, e foi realizada no CAPS AD III.

"Vim no navio de Aruanda, Aruanda ê
Vim no navio de Aruanda, Aruanda á
Porque me trouxeram de Aruanda?
Pra que me trouxeram de Aruanda!!
Deixa eu voltar prá Aruanda, Aruanda ê"

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta da integração entre usuários da RAPS, com diferentes perfis e histórias, por meio da capoeira, tem representado contribuições importantes para o coletivo, que se evidenciam através da alegria e sorrisos, da esperança e do aguardo de um novo encontro. Atualmente, seguimos fortalecendo todos os usuários e planejando ações de retomada de encontros em outros Espaços Culturais, além de outros serviços da RAPS, ampliando as redes de suporte.



ARTE E CULTURA

GRUPO CURADORIA DE ARTE NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL

AUTORES

Vanicléia do Carmo Carvalho
Elizy Salete de Jesus Calheiros

QUEM FEZ ACONTECER

CAPS III - Sem Fronteiras



O presente relato apresenta o Grupo de Curadoria que aconteceu entre março de 2023 e dezembro de 2025 no Centro de Atenção Psicossocial Adulto “Sem Fronteiras” CAPS III em Jundiaí - SP A curadoria de arte tem como proposta “proporcionar um diálogo entre as próprias obras, escolhidas para compor a exposição, problematizando conceitos presentes nos trabalhos, responsabilizando-se por supervisionar a montagem da exposição, a manutenção das obras, a elaboração de textos de apresentação e divulgação, a fim de proporcionar maior visibilidade e proximidade entre as obras e o público” (Castillo, Salcedo, 2008). A partir dessa definição justificou-se a criação do Grupo de Curadoria a fim de proporcionar um espaço rico, potencialmente criativo, expressivo, de corresponsabilização e protagonismo considerando a história de vida e o saber dos participantes, o cuidado em saúde mental e a reabilitação psicossocial.

OBJETIVOS

- Oportunizar, através de recursos artísticos com diferentes materiais e técnicas, a criatividade, expressão dos sentimentos, ideias e senso crítico;
- Realizar exposições das artes em espaços culturais no município e no próprio CAPS III;
- Buscar a intersetorialidade e o engajamento nos diversos âmbitos do território;
- Estimular a interação interpessoal, a troca de conhecimento/informações, o protagonismo dos participantes e a contratualidade no território.

METODOLOGIA

Trata-se de um grupo terapêutico, com frequência semanal, heterogêneo e semi-aberto, com participação de até 10 usuários e contou com mediação da psicóloga e da terapeuta ocupacional.

Para a inclusão, foram convidados usuários com interesse em artes e indicados pelas referências técnicas de acordo o Projeto Terapêutico Singular, então apresentada a proposta da Curadoria, a saber:

- Definição do tema das obras e exposição (definir período das etapas);
- Criação das obras ;
- Catalogação (título, autor, data, técnica);
- Avaliação das obras;
- Sinopse;
- Montagem e retirada da exposição.

As obras artísticas foram realizadas pelos participantes do grupo. Os recursos utilizados: materiais de papelaria e artesanato. Para a abordagem e discussão dos temas escolhidos para a exposição foram acessados meios de comunicação, materiais impressos, realizadas visitas a exposições ou locais externos que o grupo julgou pertinente. Os participantes foram motivados a expor suas ideias, opiniões e pensamentos para construção e definição dos temas e das artes.

"As atividades aguçaram minha criatividade e houve uma ação terapêutica (...)"

RESULTADOS

Neste período foram realizadas cinco exposições: A primeira no espaço do CAPS III com o título *"A Liberdade"* em 2023, para inspiração foi realizada uma visita ao Museu de Arte Osório César (Franco da Rocha - SP), onde o grupo teve contato com o trabalho de uma curadoria de arte em si. A exposição foi dividida em subtemas: *Quem sou eu?*, *Coisas belas do CAPS*, *Geração de Renda* e *Luta Antimanicomial*.

Em abril de 2024, o grupo realizou a segunda exposição Poéticas visuais da memória no CAPS III, com os subtemas primavera, cotidiano e memórias afetivas. As obras foram criadas a partir de inspirações musicais como "Cotidiano" do Chico Buarque e "Primavera" do Tim Maia; através de textos de Carlos Drummond de Andrade e dos livros Minha mãe fazia (Ana Holanda) e Intimidades Poéticas (vários autores); pesquisas na internet sobre o Movimento Impressionista e descobriram obras com materiais alternativos do Vik Muniz. Em busca de ideias no município, foi realizada visita ao Jardim Botânico para observação e criação de pinturas em tela e escultura no local, realizar parte das obras em ambiente externo possibilitou uma maior interação social e reciprocidade entre eles. Também visitou-se a exposição Reminiscências na Biblioteca Municipal Nelson Foot buscando ideias e elementos que remetessem ao cotidiano. Nesta, os participantes consideraram a relevância de expor suas obras no Centro de Convivência, Cultura, Trabalho e Geração de Renda - CECO para dar maior visibilidade ao projeto, em setembro de 2024. O grupo se deslocou até o equipamento semanalmente para manutenção da exposição e realizou um encontro no local para apropriação da proposta do grupo e contratualidade no território.

Outras três exposições aconteceram no CAPS III, sendo duas delas:

- O impacto do homem no bioma, o grupo compartilhou e refletiu sobre a ação social, animais, moradia, ecologia, alimentação saudável, reciclagem e ação do homem na natureza, como também acessaram músicas e obras de artistas plásticos com essa temática para a instalação em fevereiro de 2025.
- A evolução da moda ao longo das décadas - a partir dos anos 50, em novembro de 2025. O grupo participou do evento Desfile Brechó no CECO, visitou as exposições Sonhe como uma garota, na Biblioteca Municipal, e Fullgás: artes visuais e anos 1980 no Brasil, no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo. Assim, essas vivências contribuíram significativamente para agregar um novo repertório de ideias, além de visitação a alguns brechós da cidade em busca de referências que remetiam à história da moda e a artistas icônicos de suas épocas.

Durante os encontros, além do objetivo da curadoria de arte, as profissionais realizaram o manejo e mediação a partir de abordagens e fundamentos grupais como também através da perspectiva da reabilitação psicossocial, que visa promover autonomia, contratualidade, trabalho, inclusão cultural e social em rede no território. Segue abaixo a citação de um dos usuários do grupo:

"Ao longo do processo eu tive interações interessantes com as coordenadoras do grupo e com os outros participantes, melhorando minha convivência social e diminuindo minha timidez e pouca interação social. As atividades aguçaram minha criatividade e houve uma ação terapêutica, melhorando meu quadro de depressão" (G. G. G).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do processo do grupo, um dos principais momentos de discussão referiu-se à proposta de levar a exposição ao território e a espaços culturais da cidade. Estas decisões sempre foram tomadas de forma democrática, considerando-se opiniões contrárias, por exemplo alguns usuários defendiam que as exposições deveriam acontecer somente na unidade ou que o grupo não estava preparado. A fim de sustentar os objetivos do grupo e efetivação dos mesmos, as profissionais fomentaram as discussões de forma coletiva e "emprestaram o poder contratual" (Kinoshita, 2016).

O cuidado em saúde mental através do Grupo de Curadoria, destacou-se pelo uso da arte e cultura, proporcionando o sentimento de pertencimento pelo grupo, já que os integrantes se implicaram com as propostas, como também esta estratégia intermediou expressarem suas subjetividades no território.



REFERÊNCIAS

CASTILLO, Sonia Salcedo Del. Cenário da Arquitetura da Arte: montagens e espaços de exposições. 1ª ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KINOSHITA, Roberto Tykanori. Contratualidade e Reabilitação Psicossocial. In: PITTA, Ana Maria Fernandes (org). Reabilitação psicossocial no Brasil. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 2016. p. 69-74.

COSEMS|SP MENÇÃO HONROSA 2026

ROLÊ CULTURAL DO CECCO JUNDIAÍ

AUTORES

Fernanda Torres Apollonio
Renata Moraes
Cristina Aparecida Padoin
Nilza Yukimi Yoshizumi Koga
Marcelo da Silva Sudré

QUEM FEZ ACONTECER

CECO
eMulti 8
UBS Moradas das Vinhas

O Centro de Convivência é um serviço municipal de saúde de Jundiaí criado em 2016 com o nome CECCO - Centro de Convivência, Cultura, Geração de Trabalho e Renda. A partir de seu aniversário de 10 anos, passamos a chamá-lo apenas de Centro de Convivência - CECO Jundiaí, com um “C”, fazendo jus à Portaria GM/MS nº 5.738/2024, que é o marco legal do Ministério da Saúde que institui os Centros de Convivência (CECO) na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do SUS, mantendo seus princípios e objetivos de promover autonomia, qualidade de vida e inclusão social, por meio de ações intersetoriais e multiprofissionais que visam potencializar formas mais amplas de intervir na saúde do indivíduo, ofertando espaços de sociabilidade em que as diferenças de ordem diversas não sejam negadas, mas sim assimiladas. Assim, esperamos que no CECO possam conviver e trocar experiências pessoas de diferentes idades, condições socioeconômicas, potencialidades e dificuldades, de forma a garantir a inclusão destas diferenças no laço social. Para participar de atividades não é necessário encaminhamento, porém há um esforço da instituição para trazer ao laço social pessoas que estejam em situação de vulnerabilidade, por diferentes motivos. É neste cenário que a proposta de um de nossos conviventes, Marcelo Sudré, foi transformada na experiência do Rolê Cultural, por meio de articulação com o Conselho Gestor Local e Conviventes dispostos a compor uma Comissão estruturante para esta ação, junto com profissionais da Rede de Atenção Básica que desenvolvem atividades no CECO Jundiaí. Assim, o Rolê Cultural foi concebido para promover a outros conviventes uma experiência cultural, de promoção de saúde a partir de determinantes sociais (autonomia e construção de vínculos comunitários).

OBJETIVOS

- Ampliar o protagonismo dos conviventes em estratégias coletivas de Promoção de Saúde;
- Criar uma Comissão para o desenvolvimento de plano estruturado para passeios ofertados aos conviventes do CECO e usuários da Rede de Atenção à Saúde de Jundiaí que ainda não frequentam este equipamento de saúde;
- Produzir, de forma coletiva, a partir de conviventes, trabalhadores e gestora local, um passo-a-passo instrutivo para a inscrição e participação nas atividades externas propostas em comissão;
- Promover experiências de cuidado entre pares e convivência intergeracional;
- Ampliar o reconhecimento do território, a partir do acesso promovido pelo transporte público intermunicipal.

METODOLOGIA

Inicialmente, o convivente Marcelo Sudré apresentou ao Conselho Gestor do CECO uma proposta de passeios, organizados em comunidade e de forma autônoma - contou que iniciou seu vínculo com o CECO depois de grave acidente com consequências neurológicas que mudaram sua vida em vários aspectos. Em seguida, contextualizou a reaquisição de parte de sua autonomia



por meio de novos vínculos comunitários e por suas aventuras, geralmente sozinho, de trem para São Paulo, em busca de espaços culturais. Foi, então, proposta uma Comissão, com integrantes do Conselho, trabalhadores da saúde e outros conviventes interessados. A primeira reunião foi realizada em abril de 2025 e, a partir de então, foram pactuados passeio-piloto (somente com a Comissão), instrumento Passo-a-Passo a ser compartilhado com todos os conviventes, pesquisa e votação de roteiros e estratégias de transporte público de acesso, além de definição de coletes indicativos de grupo. Em todas as oportunidades, foram realizadas dinâmicas ao longo do trajeto, visando integração entre os participantes (músicas, jogos de memória, dinâmica do amigo anjo, gincanas, etc.). Para cada passeio, foi formado grupo de WhatsApp para comunicação, informações e trocas de fotografias e vídeos. Além disso, os membros da Comissão se organizaram, em referências para subgrupos menores, visando eventual auxílio no percurso e transições de plataformas (trem/metrô).

RESULTADOS

Entre abril e dezembro de 2025, foram realizadas oito reuniões híbridas da Comissão do Rolê Cultural com média de sete participantes por encontro. Quanto aos passeios, foi realizada uma experiência-piloto, com transporte público (trem metropolitano) apenas com 14 integrantes da comissão para a Sala São Paulo em maio. O primeiro passeio aberto à comunidade CECO aconteceu no SESC Jundiaí, em junho, com 20 pessoas (local definido por risco de influenza no período). Na sequência, mais 04 passeios foram realizados para São Paulo, sempre de transporte público, mas ampliando desafios, iniciando apenas com trem, depois trem e metrô e por fim fazendo baldeações e mais de um local visitado. Os roteiros nestas ocasiões foram, em sequência, Sala São Paulo, Theatro Municipal e Visita ao Museu de Arte de São Paulo e Parque Trianon. Tivemos, em média, 23 pessoas por passeio, com idades entre 11 e 80 anos, vinculados ou não à RAPS, sendo que alguns integrantes, de diferentes idades, nunca haviam entrado em trem e/ou metrô, além de haver pessoas com pouca experiência no uso de escadas rolantes e elevadores. Tivemos que fazer mudanças de roteiros (por aumento de casos de influenza), datas (por ausências de profissionais para apoio) e esquema de baldeação no metrô (por problemas em linhas). Para todas as situações-problema, as respostas foram articuladas de forma coletiva e criativa, sobretudo com suporte da comissão organizadora.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os representantes dos conviventes participaram ativamente das reuniões e deliberações sobre roteiros e organização dos processos grupais, além de propor atividades para os percursos. Tivemos adesão de pessoas que não frequentavam o CECO, mas eram referenciados por agentes comunitários e e-Multi, sendo que alguns passaram a frequentar o CECO e todos fizeram postagens muito positivas no WhatsApp do grupo. No geral, as pessoas iniciavam a experiência de forma tímida e a integração acontecia ao longo da trajetória. Diferentes pessoas estiveram em cada passeio programado - nenhuma pessoa esteve em todos e a maioria esteve em pelo menos duas oportunidades, o que demonstra a heterogeneidade promovida no Rolê Cultural. Além disso, destaca-se a potência criativa da comissão, que assumiu protagonismo na concepção de estratégias para resolução de problemas. Assim, podemos considerar que o Rolê Cultural do CECO alcançou seu objetivo mais importante: reproduzir uma experiência individual, de acesso cultural e de promoção de saúde, para coletividades constituídas a cada roteiro, com ampliação de vínculos comunitários aos envolvidos. Afinal, promover o laço social é a principal missão institucional dos Centros de Convivência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 5.738, de 14 de novembro de 2024.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA E CLUBE DO LIVRO
DISPOSITIVOS DE CUIDADO NO ENVELHECER SAUDÁVEL NA APS

AUTORES
Maria Fernanda Martins Savioli
Lunia Fernanda Pereira Duarte
Luciana Marinho da Cunha

QUEM FEZ ACONTECER
UBS Caxambu

A Atenção Primária à Saúde configura-se como espaço estratégico para a promoção da saúde, educação em saúde e fortalecimento de vínculos comunitários. A leitura, enquanto prática cultural e educativa, apresenta potencial para estimular processos cognitivos, emocionais e sociais, contribuindo para o bem-estar e a autonomia dos usuários. Estratégias intersetoriais e intergeracionais ampliam o alcance das ações de promoção da saúde e fortalecem a participação social no território.

Nesse contexto, foi implantado o projeto Clube do Livro na Unidade Básica de Saúde Caxambu, Jundiaí-SP, articulando cultura, saúde e educação como dispositivos de cuidado ampliado. A experiência é alinhada aos princípios da integralidade, participação social e promoção da saúde, fortalecendo a UBS como espaço vivo de convivência, cuidado e produção de novos sentidos.

OBJETIVOS

Descrever a implementação do Clube do Livro em uma UBS, analisando seus efeitos na promoção da saúde mental, estímulo cognitivo, fortalecimento de vínculos sociais e construção de espaços intergeracionais de cuidado, bem como sua contribuição para a educação em saúde e participação social no território.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, na modalidade relato de experiência, realizado em uma Unidade Básica de Saúde do Caxambu, iniciado em abril de 2025. A experiência foi estruturada em três eixos: inauguração da biblioteca comunitária, incentivo à leitura e encontros mensais do Clube do Livro.

A abertura da biblioteca ocorreu por meio de ação intersetorial com uma escola de educação infantil, incluindo contação de histórias e participação de duas escritoras locais, promovendo ambiência cultural e intergeracional. A biblioteca permaneceu ativa na unidade, com sistema de empréstimo e devolução de livros pelos usuários.

A ação contou com participação da equipe multiprofissional, com oferta de auriculoterapia, escalda-pés, massagem e oficina de macramê para confecção de marcadores de página, integrando Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) ao cuidado cultural. Os encontros mensais foram mediados por profissionais da UBS, com definição coletiva das obras e realização de rodas de conversa reflexivas. A iniciativa fortaleceu a prática da leitura como estratégia de promoção do cuidado e do convívio social, contribuindo para a redução do tempo de exposição às tecnologias digitais e para a ampliação do bem-estar dos participantes.



RESULTADOS

A inauguração da biblioteca comunitária promoveu ambiência intergeracional, com participação de crianças, adultos, idosos, profissionais de saúde e escritoras locais. Houve o fortalecimento do vínculo entre UBS, escola e comunidade, ampliando a participação social e o acesso à práticas culturais no território.

Em um contexto contemporâneo caracterizado pelo uso intensivo de dispositivos digitais e pela exposição constante a estímulos virtuais, a biblioteca consolidou-se como um espaço institucional de acolhimento e pausa qualificada. Ao promover o acesso ao livro físico, à leitura mediada e às atividades presenciais, favoreceu a redução do tempo de exposição às telas e incentivou interações sociais significativas.

Até o momento, o coletivo de aproximadamente 150 pessoas registrou a leitura de aproximadamente 22 mil páginas, com predomínio de pessoas idosas nos encontros mensais e protagonismo de adultos e crianças na leitura a distância. O Clube do Livro favoreceu a socialização, o desenvolvimento de relações sociais, a troca de experiências e a reflexão sobre temas relacionados à saúde, envelhecimento e vida cotidiana.

Houve o estímulo à memória e concentração, ampliação da empatia e do autoconhecimento. A biblioteca consolidou-se como dispositivo contínuo de cuidado, com usuários realizando empréstimo e devolução de livros, fortalecendo a UBS como espaço de convivência e educação em saúde. A integração com PICS ampliou o cuidado integral e a experiência de bem-estar durante as ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Clube do Livro evidenciou o potencial da leitura como tecnologia leve de cuidado na APS, articulando cultura, educação e saúde mental. A experiência intergeracional e intersetorial fortaleceu vínculos comunitários, promoveu participação social e ampliou o acesso a práticas culturais como estratégia de promoção da saúde.

A biblioteca comunitária consolidou-se como dispositivo territorial de cuidado ampliado permanente, estimulando autonomia, cognição e bem-estar emocional, especialmente entre pessoas idosas. A integração com PICS e ações culturais reforçou a clínica ampliada e a humanização do cuidado. Atualmente não estamos nos encontrando fisicamente, entretanto alguns participantes continuam ativamente suas leituras. O clube passará em Agosto de 2026 por uma nova estrutura, onde serão distribuídos os livros para as crianças em consultas pediátricas como estímulo à leitura e os impactos positivos advindos da redução do uso de telas.



GESTÃO

O CONSELHO GESTOR NA LÓGICA DA REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL NO CAPS II BEM VIVER - JUNDIAÍ/SP

AUTORES

Wanderléa de Souza Biagi
Maria Clara Mirra Meirelles
Alexandra Santos de Oliveira Cintra
Leticia Azevedo de Lucca
Gabriela Tripicchio Gonçalves

QUEM FEZ ACONTECER

CAPS II - Bem Viver

A experiência foi desenvolvida em um CAPS II, integrante da Rede de Atenção Psicossocial, a partir de uma necessidade identificada em assembleias e no planejamento local do serviço em 2025.

Ao analisarmos a organização interna, percebeu-se que, apesar da existência de uma assembleia fortalecida, o Conselho Gestor local não se reunia regularmente, sendo necessária a redefinição dos membros devido aos mandatos vencidos.

O Conselho Gestor é um espaço de participação previsto no SUS, onde usuários, trabalhadores e gestores discutem e acompanham o funcionamento do serviço, conforme previsto na Constituição de 1988 e Leis nº 8.080 e 8.142/1990.

Com base em experiências prévias no serviço, compreendemos como desafios: o comprometimento e a sustentação dos conselheiros ao longo do mandato em um serviço de saúde mental.

Essas questões foram discutidas nas reuniões de assembleia com usuários e equipe, evidenciando a importância de reorganizar esse dispositivo democrático, compreendendo o conselho gestor como exercício de cidadania, autonomia e participação social ativa, podendo construir pontes entre as políticas públicas e a reabilitação psicossocial.

Diante desse movimento, estabeleceu-se como prioridade retomar e fortalecer o funcionamento regular do Conselho Gestor, reafirmando os princípios do SUS, especialmente a participação social e a gestão compartilhada.

OBJETIVOS

Retomar e fortalecer o funcionamento regular do Conselho Gestor no CAPS II, garantindo representatividade, periodicidade e efetiva participação de usuários e trabalhadores.

Estabelecer o Conselho Gestor local como uma ferramenta de reabilitação psicossocial, favorecendo a construção de um outro lugar social para a pessoa em sofrimento em saúde mental.

METODOLOGIA

A reorganização do Conselho Gestor foi construída de forma planejada e participativa.

Inicialmente, a necessidade de recomposição foi apresentada aos usuários em assembleia. O tema foi debatido coletivamente, esclarecendo o papel do Conselho e sua importância para o serviço. Contamos, neste momento, com o apoio do Conselho Municipal de Saúde para apoio com dúvidas e orientações.

Paralelamente, a equipe também discutiu a representação dos trabalhadores. Em seguida, foi realizado o agendamento do processo eleitoral junto ao Conselho Municipal de Saúde, garantindo alinhamento às normativas vigentes.

Após ampla divulgação, no dia 2 de junho de 2025 foi realizada a eleição dos conselheiros e posteriormente, estabelecido um calendário de reuniões mensais.

A implementação foi concluída em junho de 2025, com agendamento da primeira reunião do novo mandato no mês subsequente. A condução do processo contou com a participação da gestão e da equipe multiprofissional.

As reuniões seguem ocorrendo uma vez ao mês, conforme cronograma definido.

Principais conquistas:

- Acesso dos usuários à internet nos CAPS;
- Aquisição de televisão e aparelho celular para a unidade;
- Reparo da calçada;
- Parceria com o PAIT;
- Maior participação nas assembleias;
- Melhora da comunicação entre equipe e usuários.

RESULTADOS

Com a retomada do Conselho Gestor, foi possível organizar e acompanhar demandas que já existiam no serviço, mas permaneciam sem desfecho, fortalecendo as reivindicações da gestão local.

Entre as principais conquistas alcançadas a partir das deliberações destacam-se: a implantação de acesso à internet no CAPS, demanda histórica da unidade que, após encaminhamento formal e monitoramento pelo Conselho, foi efetivada e posteriormente estendida aos demais CAPS da rede municipal (beneficiando aproximadamente 2234 usuários); a aquisição de novo aparelho de televisão, substituindo equipamento danificado; disponibilização de aparelho celular para contato com usuários; o reparo da calçada externa garantindo maior segurança e acessibilidade. Outras questões também foram trabalhadas, como o uso de cigarros no ambiente do CAPS, gerando parcerias com o PAIT (Programa de Assistência Intensiva ao Tabagista).

Além dos aspectos estruturais, observou-se maior participação nas assembleias, fortalecimento do diálogo entre equipe e usuários e ampliação da corresponsabilização nas decisões do serviço.

Observamos também, não menos importante, o empoderamento dos usuários conselheiros, dando a eles um outro lugar social, de representatividade, de escuta das demandas dos outros usuários e dos próprios trabalhadores, melhor compreensão dos processos institucionais e melhor direcionamento das demandas, podendo transformar a queixa em ação. Em resumo, observamos como um conselho se insere na lógica de reabilitação psicossocial em um CAPS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência demonstrou que espaços participativos precisam ser constantemente cuidados para que não se tornem apenas formais. A retomada do Conselho Gestor exigiu mobilização, organização e compromisso coletivo.

Quando o diálogo passou a ocorrer de forma regular, as demandas ganharam visibilidade e encaminhamento, resultando em melhorias concretas para o serviço e para os usuários.

Outras demandas, como substituição de computadores, renovação de mobiliário, pequenas reformas, instalação de abrigo para o ponto de ônibus, instalação de redutores de velocidade, faixa de pedestres em frente ao CAPS passaram a ser acompanhadas de forma sistemática. Algumas dessas demandas têm gerado mobilizações no território e na comunidade do entorno.

Mais do que resolver questões estruturais, o processo fortaleceu o sentimento de pertencimento dos usuários e reafirmou o controle social como prática viva no cotidiano do CAPS, assim como fortalece projetos terapêuticos, ações no território e articulações em rede.

Como próximos passos, pretende-se manter a regularidade das reuniões, sistematizar as deliberações e seguir fortalecendo a cultura participativa no serviço.



O CONTROLE SOCIAL É UM DIREITO E UMA DIRETRIZ FUNDAMENTAL DO SUS!

PROMOÇÃO DA SAÚDE

JARDIM TERAPÊUTICO NA UBS SÃO CAMILO

PROMOÇÃO DA SAÚDE E VÍNCULO COMUNITÁRIO

AUTORES

Aline Cristina de Oliveira Longui
José Ferreira de Sousa
Daniel Guimarães de Castro

QUEM FEZ ACONTECER

UBS São Camilo

O Jardim Terapêutico da UBS São Camilo constitui uma experiência de promoção da saúde, cuidado integral e fortalecimento comunitário no território da Atenção Básica de Jundiaí. A iniciativa fundamenta-se nos princípios da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) e da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC), que reconhecem o território, o vínculo e as práticas comunitárias como estratégias estruturantes do cuidado no SUS.

Dialoga ainda com referenciais da Educação Popular em Saúde e dos Determinantes Sociais da Saúde, compreendendo o ambiente, a cultura e os vínculos sociais como dimensões constitutivas do processo saúde-doença. O contato com a natureza, o cultivo de plantas e o trabalho coletivo são reconhecidos como práticas terapêuticas promotoras de bem-estar físico e mental.

Inserida em território periférico marcado por vulnerabilidades sociais, a UBS identificou demandas relacionadas ao sofrimento psíquico, isolamento social e fragilização comunitária. O jardim terapêutico emerge, assim, como estratégia interprofissional e participativa que integra saúde, meio ambiente e saberes populares, fortalecendo a UBS como espaço vivo de cuidado, pertencimento e produção de vida.

OBJETIVOS

Promover a saúde física e mental de usuários da UBS São Camilo por meio da implantação e manutenção de um jardim terapêutico.

Fortalecer vínculos comunitários, o protagonismo dos usuários e a corresponsabilização pelo cuidado.

Estimular práticas sustentáveis, educação ambiental e o contato com a natureza como recurso terapêutico.

Valorizar o trabalho interprofissional da Atenção Básica e da equipe e-Multi, integrando saberes técnicos e populares no cuidado em saúde.

Mapear, valorizar e fortalecer os saberes ancestrais e populares da comunidade relacionados às plantas medicinais, ervas e formas tradicionais de cuidado.



METODOLOGIA

O projeto é desenvolvido de forma contínua na UBS São Camilo, por meio de encontros semanais, com duração média de duas horas, envolvendo usuários da unidade, profissionais de saúde e membros da comunidade. A iniciativa é construída de maneira interprofissional e participativa, com a atuação de liderança comunitária, agentes comunitários de saúde, profissional de Educação Física vinculada às Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) e farmacêutico da unidade.

As atividades contemplam planejamento coletivo, preparo do solo, plantio, manejo e cuidado das plantas medicinais e ornamentais, além de rodas de conversa, trocas de saberes e momentos de convivência. São realizadas oficinas terapêuticas, como a de kokedama, integrando cuidado manual, expressão criativa e relaxamento.

O grupo participa ainda de capacitações promovidas por equipamentos institucionais do município e estabelece parcerias para doação de mudas, fortalecendo a articulação intersetorial.

O território é reconhecido como espaço ampliado de cuidado, com mapeamento gradual de hortas comunitárias e saberes populares relacionados às plantas medicinais. O processo favorece o protagonismo dos usuários, que assumem progressivamente responsabilidades na organização e manutenção do jardim.

RESULTADOS

O Jardim Terapêutico consolidou-se como estratégia eficaz de promoção da saúde física e mental na Atenção Básica, atingindo os objetivos propostos. A redução do isolamento social e o fortalecimento dos vínculos comunitários foram observados por meio da participação regular nos encontros semanais, rodas de conversa, oficinas terapêuticas e passeios pelo território.

O estímulo ao protagonismo e à corresponsabilização foi promovido à medida que usuários assumiram tarefas de planejamento, cuidado das plantas e organização das atividades, ampliando autonomia e senso de pertencimento. O contato com a natureza e práticas sustentáveis, como o manejo de hortas e oficinas de kokedama, contribuíram para o bem-estar físico e emocional, integrando educação ambiental e cuidado terapêutico.

As capacitações técnicas e o mapeamento de saberes populares permitiram reconhecer e valorizar o conhecimento tradicional da comunidade, alinhando-se à valorização de saberes ancestrais prevista nos objetivos. A intersetorialidade entre equipe da UBS, liderança comunitária e equipamentos institucionais fortaleceu a UBS como espaço de cuidado ampliado, participativo e sustentável.

Os resultados evidenciam coerência entre ações e objetivos, mostrando que as atividades desenvolvidas promoveram saúde, sustentabilidade, aprendizado coletivo e fortalecimento comunitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jardim Terapêutico da UBS São Camilo evidencia a potência das práticas comunitárias, ambientais e coletivas como estratégias de promoção da saúde física, mental e social no SUS. Ao integrar usuários, profissionais de saúde, liderança comunitária e equipamentos do território, o projeto fortalece vínculos, promove autonomia e amplia as possibilidades de cuidado na Atenção Básica.

A continuidade do projeto, com foco no mapeamento e valorização dos saberes ancestrais da comunidade sobre plantas medicinais, reafirma o compromisso com a educação popular em saúde, a valorização da cultura local e a construção coletiva do cuidado.

Entre os possíveis desafios para manutenção do grupo destacam-se a disponibilidade de recursos materiais e humanos, a necessidade de engajamento contínuo dos participantes e condições ambientais favoráveis. Reconhecer esses aspectos permite planejar estratégias de sustentabilidade e ampliação da iniciativa, garantindo replicabilidade em outros territórios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso. 2. ed., 1. reimpr. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.



TENDA DE REDUÇÃO DE DANOS

ESCUTA, ACOLHIMENTO, ARTE E CONVIVÊNCIA EM TERRITÓRIO COMO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL

AUTORES

Gabriela Pinheiro Ferreira
Gabriel de Souza Medeiros
Guiomar Francisca Teixeira
Maria Cristina do Espírito Santo Tomaz
Fausto Leandro Cavalcante Nicolau

QUEM FEZ ACONTECER

CAPS AD III - Maluco Beleza



O presente artigo tem como intuito apresentar a Tenda de Redução de Danos como tecnologia de cuidado em saúde mental. Compreende-se Redução de Danos como política preconizada pelo SUS, através da Portaria nº 1.028/25, abrangendo diferentes estratégias, onde há o deslocamento do uso abusivo de substâncias psicoativas (SPA) para outras interações, com diferentes formas e linguagens de estar na vida, considerando principalmente os desafios de populações distanciadas de seus direitos, atravessadas por muitas faltas e, por consequência, longe dos equipamentos de saúde, lazer, cultura e proteção social. Desta maneira, reafirma-se a importância da Tenda nos diferentes territórios de circulação, a fim de pensar acesso, cuidado, direito e pertencimento com sujeitos historicamente marginalizados.

OBJETIVOS

Relatar a experiência da Tenda de Redução de Danos como estratégia territorial de cuidado em saúde mental, destacando as práticas de escuta, acolhimento, arte e convivência na construção de vínculos e ampliação do acesso ao cuidado das pessoas que usam SPA.

METODOLOGIA

A Tenda de Redução de Danos é uma tecnologia de cuidado em saúde utilizada pela equipe de Redução de Danos do CAPS AD III "Maluco Beleza" desde 2023. A equipe tem uma coordenadora/psicóloga, três agentes de redução de danos e uma motorista. Como dispositivo itinerante, atua na região central de Jundiaí, sobretudo em praças.

Destina-se a pessoas em uso radical de SPA, em situação de rua ou que usam espaços públicos para encontro, convivência, moradia e uso, com desafios de acesso à rede de cuidado. Predominam homens cis, pretos ou pardos, entre 35 e 50 anos, nascidos ou radicados em Jundiaí e em situação de rua. No primeiro semestre de 2026, foram realizadas 21 Tendas, atendendo 119 pessoas.

A inserção territorial da Tenda favorece a articulação com serviços e atores da rede, possibilitando ações com o Centro Pop, Consultório na Rua, Unidades Básicas de Saúde, Unidades de Acolhimento e Serviço Especializado de Abordagem Social. Essa articulação contribui para respostas compartilhadas e acesso aos dispositivos de cuidado e proteção social.

Locais e horários são definidos por diagnósticos e monitoramentos territoriais da equipe. O acesso é espontâneo ou por convite, sem agendamento ou encaminhamento prévio. No território, são ofertados água, autotestes para ISTs e insumos de higiene, autocuidado e proteção sexual.

A organização da Tenda favorece o acolhimento e a construção de vínculos, possibilitando diferentes modalidades de cuidado. São realizados atendimentos individuais e rodas de conversa sobre gênero, violências, interações entre SPA, saúde integral e acesso a direitos. Para além das questões relacionadas ao uso, a Tenda constitui-se como espaço de convivência, onde jogos, músicas, livros e materiais de arte formam um ateliê aberto a outras possibilidades de existir, criar vínculos e ocupar o território.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a Tenda de Redução de Danos ocupa lugar estratégico no acesso ao cuidado por meio de abordagem não convencional, sendo alternativa para pessoas que não conseguem acompanhar fluxos institucionais ou chegar aos serviços de saúde. Ao deslocar o cuidado para os territórios e para as condições concretas de vida, pode operar como importante porta de entrada para o CAPS.

A abordagem não normativa e a redução das hierarquias entre quem cuida e quem é cuidado favorecem a construção de vínculos com o CAPS, criando condições para escuta, convivência e rodas de conversa sobre temas como estigmatização relacionada ao uso de SPA e à própria experiência de acessar os serviços de saúde. Observa-se que a passagem pela Tenda pode afetar a relação posterior com o CAPS: ao chegar ao serviço, a pessoa frequentemente já conhece possibilidades de cuidado e consegue expressar claramente suas necessidades, tornando a vinculação mais fluida e menos condicionada a uma demanda institucional definida.

A atuação territorial tem possibilitado identificar necessidades que muitas vezes antecedem a demanda por cuidado intensificado em saúde mental. Nos atendimentos realizados na rua, tornam-se visíveis situações de desproteção social e demandas clínicas que requerem articulação com as Unidades Básicas de Saúde (UBS) e serviços da assistência social. A Tenda favorece uma avaliação ampliada das demandas relacionadas ao uso de álcool e outras drogas, sem reduzi-las à questão do consumo.

Outro aspecto observado refere-se às possibilidades de encontro pela convivência e por atividades que não têm a droga como centro da intervenção. Arte, música, jogos e conversas podem favorecer o reencontro com habilidades, interesses e aspectos das próprias histórias ausentes do cotidiano. Surge o compositor de rap, aquele que improvisa rimas, a pessoa habilidosa em determinado jogo, entre características que compõem sua identidade para além do uso de SPA. Desloca-se, assim, o foco da droga para a pessoa em sua integralidade.

Essas experiências parecem produzir efeitos no cotidiano. Em situações, a participação nas atividades associa-se à interrupção momentânea ou diminuição do uso de SPA, possibilitando que a pessoa se alimente, descanse ou cumpra compromissos estabelecidos. Sem estabelecer relação causal direta entre atividade e esses acontecimentos, entende-se que a oferta de outros modos de estar no território pode ampliar possibilidades de escolha e manejo da experiência, mesmo por períodos breves. Nesse contexto, a redução de danos não se limita à redução do consumo, mas envolve a ampliação das possibilidades de vida e cuidado.

A Tenda constitui, portanto, uma estratégia potente e evidencia os desafios de produzir cuidado no território. Ocupá-lo significa compartilhá-lo com diferentes interesses, necessidades e formas de compreender o cuidado, em campo no qual a construção de mediações nem sempre é simples. Como construir uma rede efetivamente integrada, sem organizar o cuidado de forma etapista, em que cada serviço se responsabiliza apenas por uma parte da vida? Como propor cuidado em saúde a quem, muitas vezes, sequer acessa condições mínimas de sobrevivência, como um lugar seguro para dormir?

São questões que não respondemos sozinhos. Exigem construção coletiva, diálogo e articulação entre políticas, serviços e atores do território. A potência da Tenda está em produzir encontros que tornam essas questões visíveis e convocam a rede a construir respostas compartilhadas, reconhecendo que nenhum serviço ou política, sozinho, responde à complexidade das vidas que chegam ao cuidado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.028, de 1º de julho de 2005. Determina que as ações que visam à redução de danos sociais e à saúde, decorrentes do uso de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência, sejam reguladas por esta Portaria. *Diário Oficial da União: Brasília, DF, 1 jul. 2005.*



RECONTANDO HISTÓRIAS DE VIDA

NARRATIVAS COMO INSTRUMENTO DIALÓGICO EM GRUPO DE OUVIDORES DE VOZES

AUTORES

Fernanda de Jesus Ligeiro Braga
Pátia de Souza Alves

QUEM FEZ ACONTECER

CAPS III - Sem Fronteiras
CECO

A experiência fundamenta-se na abordagem do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes, por meio de um projeto desenvolvido em um Grupo de Ouvidores de Vozes do município de Jundiaí/SP, que propõe o deslocamento do foco do sintoma para a experiência vivida, reconhecendo o significado que as vozes têm para cada pessoa e favorecendo a escuta entre pares (COUTO; KANTORSKI, 2021). Essa abordagem considera a experiência de ouvir vozes não necessariamente como um sinal de doença, mas como uma vivência humana significativa que pode ser compreendida e articulada em um espaço de apoio mútuo. Apesar do Movimento ter se iniciado na década de 1980, na Holanda, essa estratégia tem se difundido oficialmente no Brasil a partir de 2015 (TREVISAN; BARONI, 2020). No contexto do município, as trabalhadoras identificaram grande número de usuários que relatavam a experiência de ouvir vozes e que, em sua maioria, estavam vinculados a serviços de saúde mental. A partir da compreensão de que essa experiência não é, em si, um sinal de doença, pensou-se na criação do Grupo no espaço do Centro de Convivência (CECO), aberto a todas as pessoas que, em algum momento de suas vidas, tiveram a experiência de ouvir vozes que outras pessoas não ouvem. Esta ação fundamenta-se na necessidade de enfrentar o estigma associado à experiência de ouvir vozes e à identidade de usuário de serviços de saúde mental, que frequentemente reduz a história do sujeito a rótulos diagnósticos.

OBJETIVOS

- Estimular o resgate, o compartilhamento de experiências e o processo reflexivo sobre momentos significativos da história de vida dos participantes;
- Valorizar as experiências e os conhecimentos adquiridos no percurso de vida dos participantes;
- Dialogar com a comunidade através de exposição artística das narrativas, visando a desconstrução de preconceitos e a inclusão social;
- Fortalecer a atuação em rede entre o CECO e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do município por meio de práticas colaborativas e centradas na pessoa;
- Promover o uso da atividade artística como recurso de expressão de conteúdos subjetivos, ampliando fluxos de comunicação e expressão dos participantes.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido, entre agosto de 2024 e maio de 2025, nos encontros regulares do Grupo de Ouvidores de Vozes, realizados semanalmente no CECO. No contexto da atuação interprofissional entre psicóloga e terapeuta ocupacional, foram utilizados como dispositivos terapêuticos a produção de narrativas, atividades artísticas e recursos digitais. Compreendemos o fazer como uma potência para a articulação da participação social e o fomento à autonomia, sendo também um importante



mediador do processo dialógico, favorecendo a ressignificação de experiências, a construção compartilhada de sentidos e o fortalecimento do suporte mútuo. A partir dessa premissa, o projeto foi estruturado em cinco etapas sequenciais:

1. Oficinas criativas: encontros semanais para confecção individual de ilustrações e escrita de memórias, a partir de um disparador temático, seguidos do compartilhamento coletivo das produções;
2. Inclusão digital: digitalização e edição das produções através do uso de computadores, em que os participantes puderam experimentar ferramentas tecnológicas para refinamento de suas obras;
3. Design editorial: montagem das produções em formato de livretos e cartaz, transformando relatos individuais em objetos culturais coletivos;
4. Curadoria coletiva: escrita compartilhada do texto de apresentação da exposição;
5. Planejamento da exposição: definição coletiva do formato e do cronograma de realização da exposição em espaços públicos e serviços de saúde.

Cada etapa foi planejada para promover engajamento ativo dos participantes, fortalecer o suporte mútuo e ampliar os modos de expressão, articulando cultura, arte e narrativas de vida.

RESULTADOS

Ao todo, 11 pessoas participaram do projeto, sendo todos usuários dos serviços de saúde mental (CAPS III e CAPS AD III). Muitos dos conteúdos compartilhados estavam relacionados ao seu histórico de adoecimento psíquico e de cuidado, mas também a outros temas, tais como luto, relacionamento intrafamiliar e uso de substâncias psicoativas. Os usuários compartilharam sobre sentimento de pertença e de reconhecimento por poderem expor suas histórias em um espaço seguro e horizontal. Avaliamos que o projeto permitiu um trabalho tanto singular quanto coletivo, possibilitando que produzissem narrativas de si, para si e para outros, com apoio mútuo entre pares. Muitos dos participantes possuíam um quadro crônico de saúde mental, o que foi um desafio na construção de um processo participativo, de várias etapas e com uso de ferramentas digitais. Assim, ter duas facilitadoras auxiliou na garantia de uma condução atenta, inclusiva e equitativa, ajustando o ritmo das atividades às necessidades individuais e coletivas. A produção artística através de narrativas e ilustrações facilitou a abordagem de temas que não surgiam espontaneamente nos encontros, além de contribuir para a valorização do percurso de vida dos participantes. A exposição artística foi realizada no evento de encerramento do Mês da Luta Antimanicomial, no CECO e no CAPS III do município e teve duração aproximada de dois meses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto demonstrou que a produção narrativo-artística serviu não apenas como técnica de expressão subjetiva, mas como meio de construção de sentidos, fortalecimento de vínculos sociais e ampliação de perspectivas de inclusão. A partir da rememoração de momentos significativos vivenciados pelos participantes em sua história de vida, o grupo criou um espaço onde a voz do usuário ganhou autoria, contorno social e significado para além do contexto clínico. A atividade passou a ser uma ponte, um ato político de ocupação de espaços de fala, validando o saber da experiência.

Destacamos a importância de construção de um ambiente facilitador que valorizasse a experiência vivida como fonte de saber, do trabalho interprofissional e da adaptação das práticas para diferentes ritmos e capacidades. Um desafio, porém, é poder construir caminhos para que essas produções possam alcançar outros espaços sociais, não ficando restritas aos serviços de saúde. Ainda assim, o projeto reforça a relevância de abordar a experiência de ouvir vozes para além de uma ótica biomédica, mas como fenômeno que pode ser compreendido e trabalhado no plano social, relacional e cultural.

REFERÊNCIAS

COUTO, M. L. O.; KANTORSKI, L. P. Sentidos produzidos por ouvidores de vozes sobre suas experiências com as vozes. Aletheia, Canoas, v. 54, n. 1, p. 64–73, jan./jun. 2021. DOI: https://doi.org/10.29327/226091.54.1-7

TREVISAN, J. V. S.; BARONI, D. P. M. Uma análise de um grupo de ouvidores de vozes enquanto movimento social e potência política. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 44, n. esp. 3, p. 70–81, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-11042020E308



RESSIGNIFICANDO TRAJES E TRAJETÓRIAS

O DESFILE DE MODA DO BRECHÓ CAPS IJ COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO.



AUTORES

Daiane Érika Amaral da Silva
Eduardo Mendes Sandrini
Enilton da Conceição Santos
Felipe Jean de Almeida
Jhony Cardoso da Costa
Luciana Januaria Barbosa
Rômulo Aparecido Silva de Oliveira
Rúbia Ferreira do Carmo

QUEM FEZ ACONTECER

UAI	CAPS III - Sem Fronteiras
UAA	CAPS IJ - É Liberdade
CECO	CAPS II - Bem Viver
SMCULT	CAPS AD III - Maluco Beleza

A oficina de Geração de Trabalho e Renda (Brechó), sediada no Centro de Convivência (CECO) de Jundiaí, desde 2022, e voltada aos usuários do Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil (CAPS IJ) - 'É LIBERDADE', apresentava um desafio: a necessidade de revitalização e maior adesão do público-alvo, adolescentes em acompanhamento na RAPS do município. Diante do esvaziamento das atividades, surgiu a proposta estratégica de realizar um Desfile de Moda utilizando o acervo da oficina, transformando roupas em ferramentas de expressão e visibilidade.

A justificativa para esta ação fundamenta-se na proposição de transpor os muros dos serviços e ocupar os territórios. Assim, o desfile não teria apenas um caráter estético, mas se configuraria como uma intervenção de saúde pública que visava a articulação de rede e da intersetorialidade; o protagonismo e autonomia, estimulando os usuários a se enxergarem como produtores de valor e cultura; a desestigmatização, colocando o usuário em um lugar de destaque e beleza, humanizando o olhar da comunidade sobre .a saúde mental; e de economia solidária, fomentando a lógica do consumo consciente e da geração de renda, fortalecendo as oficinas como um espaço sustentável de aprendizado e cidadania.

Dessa forma, a experiência pretendeu demonstrar que a moda, aliada ao cuidado em liberdade, é capaz de elevar a autoestima e fortalecer os vínculos territoriais, essenciais para a reabilitação psicossocial.

OBJETIVOS

O projeto teve como meta principal transformar a oficina de brechó em um dispositivo pulsante de cidadania. Buscou-se não apenas alavancar as vendas e a participação dos jovens, mas também desinstitucionalizar o cuidado, levando-os a ocupar espaços públicos com dignidade.

METODOLOGIA

A construção do desfile seguiu um fluxo ascendente, partindo de uma proposta inicial da equipe técnica do CAPS IJ e expandindo-se para uma construção coletiva com os demais pontos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). O processo estruturou-se nas seguintes etapas:

- Protagonismo e Identidade: usuários e familiares foram convidados a atuar como modelos, exercendo autonomia na curadoria de seus visuais. A escolha das peças respeitou o estilo individual, transformando o ato de vestir-se em um exercício de auto expressão; bem como escolher a música de sua entrada na passarela e um texto de apresentação com seus sonhos para o futuro;
- Representatividade e Fortalecimento: um marco significativo foi a oficina preparatória conduzida por um modelo profissional. O compartilhamento de sua trajetória como homem negro no mercado da moda gerou identificação e segurança para os participantes (em sua maioria pretos e pardos), fortalecendo a autoconfiança e o pertencimento;
- Articulação Territorial e Parcerias: o evento foi sediado no CECO, fruto de uma colaboração intersetorial que mobilizou diversos atores da Rede. Destaca-se o apoio do 'Coletivo Preta Eu', que viabilizou a estrutura da passarela, e a doação de espumantes sem álcool por produtores locais, inserindo o comércio regional na lógica do cuidado;
- Intervenção Cultural Multi-artística: A programação integrou apresentações musicais de trabalhadores da RAPS, dança (Hip-Hop) e teatro, além de uma feira de economia solidária com produtos de outras oficinas de geração de renda do município;
- Mobilização Comunitária: Uma força-tarefa de comunicação nas redes sociais e nas unidades de saúde, garantiu a presença da comunidade externa, rompendo o isolamento institucional.

"Eu achei muito legal, todo mundo ficou aplaudindo, eu me senti importante naquele dia."

Rayane

RESULTADOS

O evento culminou em um sucesso absoluto, com lotação máxima do espaço e recorde de vendas das oficinas de geração de trabalho e renda. Para além dos números, os resultados qualitativos foram evidentes:

- Valorização subjetiva: o processo de maquiagem e preparação elevou a autoestima dos usuários no momento de ocuparem a passarela;
- Fortalecimento da rede: consolidação do vínculo entre CAPS IJ, e outros pontos da RAPS, famílias e território;
- Sustentabilidade e continuidade: o impacto positivo gerou uma lista de espera de novos interessados para futuras edições, validando a oficina de brechó como um dispositivo potente de reabilitação psicossocial e cidadania.

Uma outra forma de mensurar o impacto da ação está na possibilidade dos próprios participantes afirmarem-no, assim, seguem alguns depoimentos dos nossos modelos:

"Bom! Me senti livre lá, me senti como se fosse profissional, porque tipo assim, é algo que todo mundo quer ser, isso também mostrou que posso ser o que eu quiser e inspirar outras pessoas. Me sentir confortável com minha roupa e não me importar com o que os outros vão pensar." - João Vitor.

"O desfile foi para mim um evento que estimulou a minha criatividade, ajudou a pensar sobre meus caminhos, traçando novos sonhos. Amei!" - Emilly

"O desfile foi um sucesso, deixando uma impressão duradoura na memória de todos os presentes. Eu, com 58 anos de idade, adorei participar! Foi uma forma imensa de ver a vida de outra forma, mesmo com os cuidados de casa, mãe de família e cuidados especiais com meu filho, me senti livre, me senti poderosa. " - Érika.

"Eu achei muito legal, todo mundo ficou aplaudindo, eu me senti importante naquele dia." - Rayane.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O projeto teve como meta principal transformar a oficina de brechó em um dispositivo pulsante de cidadania. Buscou-se não apenas alavancar as vendas e a participação dos jovens, mas também desinstitucionalizar o cuidado, levando-os a ocupar espaços públicos com dignidade. O desfile visou oferecer um momento de protagonismo e valorização da imagem, permitindo que os usuários experimentassem o "glamour" e a autoestima como direitos. Acima de tudo, o objetivo foi ventilar a existência, mostrando que a vida acontece para além do tratamento, em conexões reais com o campo estético, com a moda, a arte e a comunidade.

AS CAROLINAS

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE, CULTURA E CUIDADO NA UBS E CRAS TARUMÃ

AUTORES

Aline Cristina de Oliveira Longui
Tania Pina da Silva
Vanessa Regina Coelho

QUEM FEZ ACONTECER

UBS Tarumã
CRAS Nordeste
eMulti 7



"As Carolinas" é uma experiência exitosa que surgiu a partir da demanda das próprias participantes do Grupo de Ginástica, oferecido pela eMulti 7. As integrantes são mulheres idosas que manifestaram ao longo dos encontros do grupo o desejo de aprender a ler e a escrever.

Atendendo a essa demanda, a educadora física da equipe, com pós-graduação em Pedagogia, articulou a proposta com a Agente Comunitária de Saúde (ACS) da UBS, formada em Pedagogia, e com a orientadora social do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), em formação em Psicopedagogia, consolidando a parceria intersetorial.

Desde março de 2025, o grupo acontece semanalmente no espaço físico do CRAS, fundamentado nos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), da Promoção da Saúde, da Educação Popular em Saúde e do cuidado integral.

OBJETIVOS

Promover a saúde integral de mulheres idosas em situação de vulnerabilidade social, com ênfase no cuidado em saúde mental, no fortalecimento da autoestima, da autonomia e do empoderamento, à luz dos princípios do SUS e da Educação Popular em Saúde.

Prevenir agravos relacionados ao sofrimento psíquico, ao isolamento social e às vulnerabilidades inerentes ao processo de envelhecimento.

Estimular o envelhecimento ativo, a participação social, o autocuidado e o acesso a espaços culturais e de lazer.

Fortalecer a Atenção Básica como espaço de cuidado longitudinal, intersetorial e promotor da equidade.

Integrar ações educativas, corporais e culturais às políticas públicas de saúde e assistência social, incluindo a alfabetização não formal orientada aos princípios do SUS e a participação em campanhas estratégicas, como o Janeiro Branco, com vistas à promoção da saúde mental coletiva.

METODOLOGIA

A experiência é desenvolvida por meio de encontros semanais, às terças-feiras, no CRAS Nordeste, envolvendo mulheres idosas residentes no território adscrito à UBS Tarumã, com adesão espontânea ou por mobilização da equipe.

A metodologia fundamenta-se nos referenciais da Educação Popular em Saúde, com abordagem participativa, dialógica e problematizadora, orientada pela pedagogia freireana. As atividades estruturam-se em rodas de conversa, leitura e escrita compartilhadas, produção textual coletiva e individual, jogos educativos,

exercícios de memória e raciocínio lógico, dinâmicas cooperativas e práticas corporais integradas, articulando alfabetização não formal e promoção da saúde.

Realizam-se ainda vivências e passeios no território, reconhecendo o saber popular, as referências culturais e as narrativas das participantes como disparadores temáticos. São abordadas questões relacionadas à saúde mental, autocuidado, envelhecimento ativo, direitos sociais, identidade, vínculos familiares e participação social, incluindo campanhas estratégicas de saúde.

O processo prioriza escuta qualificada, acolhimento e construção coletiva do conhecimento, fortalecendo autonomia, protagonismo e pertencimento.

RESULTADOS

Desde março de 2025, as mulheres idosas vincularam-se ao grupo, com frequência regular e fortalecimento progressivo do vínculo com a UBS e o CRAS. Observou-se o alcance dos objetivos propostos, especialmente quanto à promoção da saúde mental, redução do isolamento social e fortalecimento da autoestima e autonomia.

O processo de alfabetização não formal tem se desenvolvido por meio da leitura e escrita de palavras significativas, produção de pequenos textos autorais e reconhecimento progressivo de letras e sons, respeitando o tempo singular de aprendizagem. As participantes passaram a demonstrar maior segurança na comunicação, inclusive em atendimentos nos serviços públicos.

A parceria intersetorial consolidou-se como estratégia permanente de cuidado compartilhado, ampliando a corresponsabilização entre saúde e assistência social. O grupo impactou positivamente o território, fortalecendo vínculos comunitários, ampliando a participação social e ressignificando o envelhecimento como processo ativo e coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo "As Carolinas" evidencia que ações coletivas, interprofissionais e intersetoriais, alicerçadas nos princípios da Educação Popular em Saúde, constituem estratégias potentes para a promoção da saúde, o cuidado em saúde mental e a alfabetização para a saúde, contribuindo para o fortalecimento da Atenção Primária à Saúde.

Inspirada na trajetória de Carolina Maria de Jesus, a iniciativa reafirma o valor da escrita, da palavra e do protagonismo feminino como instrumentos de autonomia, resistência e promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica (PNAB). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Cadernos de Atenção Básica, n. 19. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JESUS, C.M. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.



ESTANTE DA REDE

CARTILHA

Uso abusivo de medicamentos e risco de suicídio – Medidas Preventivas.

PODCAST SAÚDE DA GENTE

Informações sobre a saúde de Jundiaí.

Entrevistas com profissionais e usuários do SUS.

FLUXOS MUNICIPAIS

Atendimento de demandas de saúde mental Atenção Primária e CAPS.

NOTA TÉCNICA 01/2025

Coordenação de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas dispõe sobre o dispositivo do Projeto Terapêutico Singular enquanto prática dos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

Acesse os materiais clicando sobre eles.

ESTANTE DA REDE

CARTILHA

Orientações para profissionais da educação - Prevenção ao Suicídio.

PROTOCOLO CLÍNICO

Detecção de risco e manejo da crise suicida.

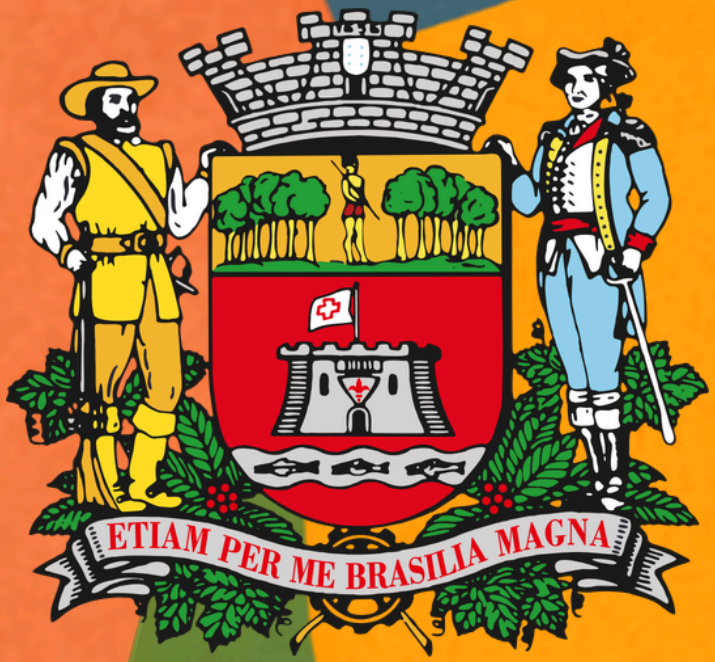
NOTA TÉCNICA 01/2024

Coordenação de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas dispõe sobre o dispositivo do acolhimento e fluxo de atendimento em saúde mental nos equipamentos de saúde.

NOTA TÉCNICA 03/2025

Coordenação de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas dispõe sobre o alinhamento dos processos de cuidado no momento de transição da adolescência para a idade adulta, enquanto prática dos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

Acesse os materiais clicando sobre eles.



Prefeitura de **Jundiaí**